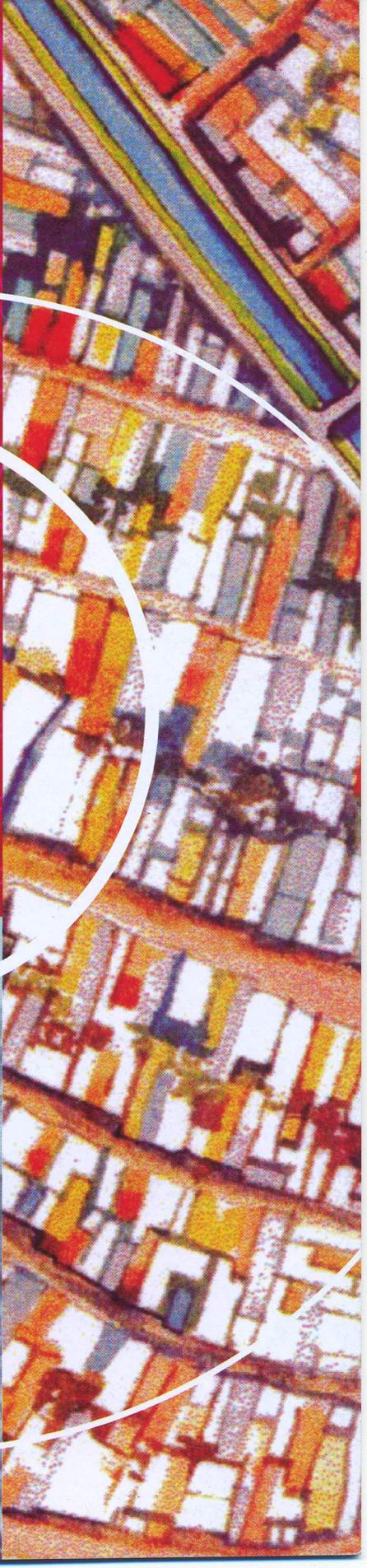
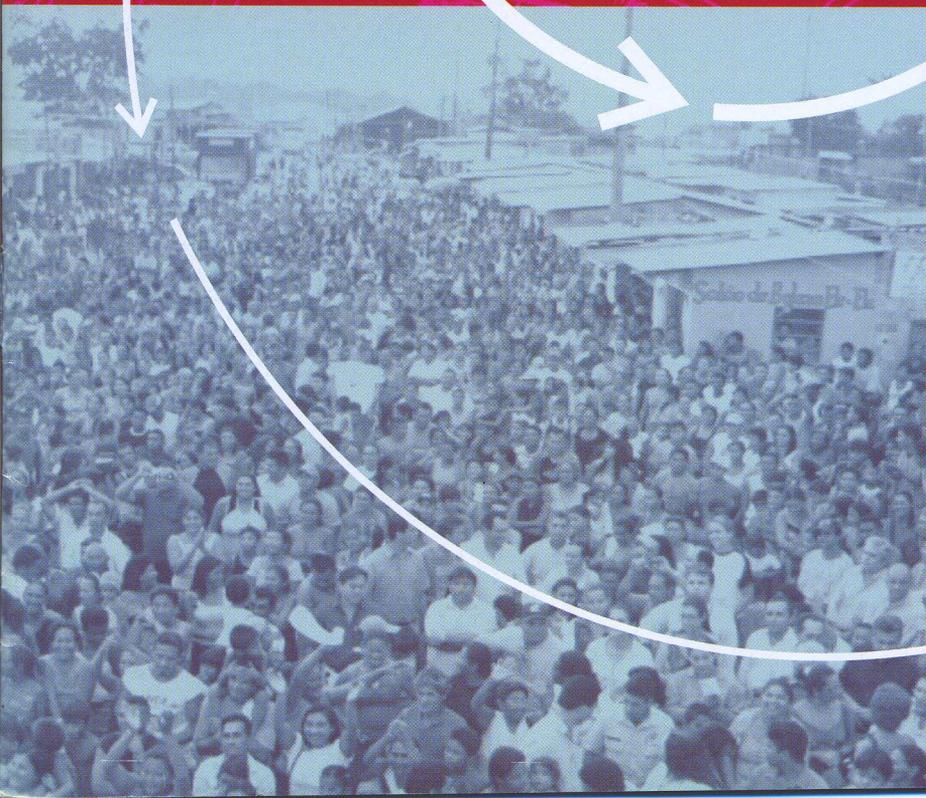


Associação de Moradores da Comunidade
Parque Residencial São Pedro (AMAPREP)
Serviço de Ação, Reflexão e Educação Social (SARES)

Nova Cartografia Social da Amazônia

Manaus

“Ontem um dono,
hoje milhares:
A História do
Bairro Parque
São Pedro” **15**



Associação de Moradores da Comunidade Parque Residencial São Pedro (AMAPREP)

Presidente: Antônio Iraílton Hipólito da Fonseca

Vice Presidente: João Sabino da Silva

Secretário: Maria Neuismar Maia (Branca)

Tesoureiro: Hudson Duarte Maranhão

Moradoras(es) de São Pedro

Participantes da “Oficina de Mapas”

Esq. p/ Dir. Paulo da Silva (39), Ângela Santana de Moraes (30), Lourdes Rosimar F. de Souza (51), Antônio Iraílton Hipólito da Fonseca (36), Elias Santos F. de Souza (53), Reinaldo Pereira de Souza (38) e João Sabino da Silva (37). Crianças (esq. p/ dir.): Daniel, Talícia e Taiane. Oficina de Cartografia Social na Igreja de Santa Cruz, Parque São Pedro.



Foto: Delmo Roncarati Vilela - 18/09/2006.

Projeto “Nova Cartografia Social da Amazônia”

Série: Movimentos Sociais e Conflitos nas Cidades da Amazônia

Fascículo 15

“Ontem um dono, hoje milhares: A História do Bairro Parque São Pedro”

Manaus, 2007.

ISBN: 85-86037-26-6

Coordenação do Projeto

“Nova cartografia Social da Amazônia”

Alfredo Wagner Berno de Almeida PPGSCA-UFAM,
FAPEAM-CNPQ

Equipe de pesquisa

Delmo Roncarati Vilela, Edenei Barroso Salvador,
Francisco Rodrigues do Nascimento, Priscila Freire
Rodrigues e Suzete Camurça.

Elaboração Mapa Parque São Pedro

Delmo Roncarati Vilela, a partir de base cartográfica
2006 da Secretaria de Estado de Infra-estrutura (SEINF).
Agradecimentos a Alessandra Pinto Romano pela
disponibilização do material.

Moradores participantes da capacitação para uso de GPS e coleta de pontos:

Sr. Antônio Fonseca, Sr. João Sabino e
Sr. Sebastião Lima Martins

Edição

Joaquim Shiraishi Neto
Emmanuel de Almeida Farias Júnior
Rodrigo Macedo Lopes

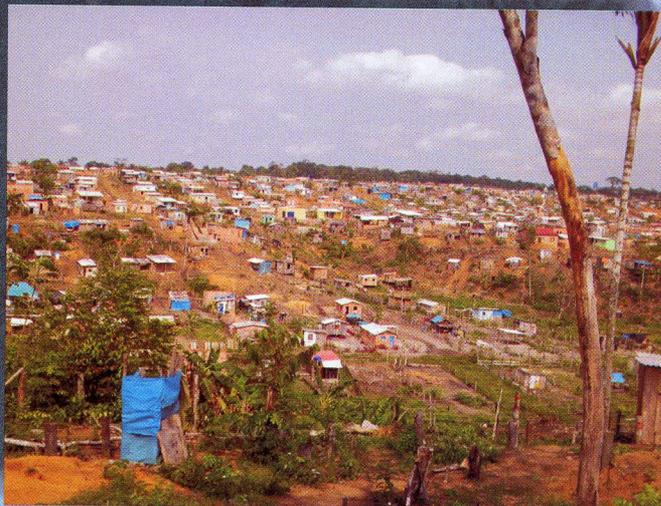
Fotografias

Delmo Roncarati e Antônio Fonseca

Projeto Gráfico

José Fernandes F. Neto

Em dezembro de 2005, em reunião do Conselho da Cidade e lideranças do movimento social de Belém, foi apresentado o Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia e o resultado dos trabalhos de pesquisa com quebradeiras de coco babaçu e quilombolas. Das situações sociais identificadas resultou a mobilização dos presentes na reunião para o desenvolvimento do Projeto com grupos que vivem nas cidades. A partir desta reunião teve origem a Série “Movimentos Sociais e Conflitos nas Cidades da Amazônia”. Esta série inicia com os indígenas, homossexuais, afro-religiosos e negros e negras de Belém e tem continuidade com outros grupos em Belém e outras cidades da Amazônia, como Manaus.



Visão geral de parte do bairro Parque São Pedro.

De Ocupação a Bairro

“Era chamada invasão da CARBRÁS pois aqui era a garagem de carros, máquinas e depósito da antiga construtora CARBRÁS. Não gostamos da palavra invasão, pois ninguém invadiu nada, apenas ocupamos o espaço que estava ocioso Enquanto existiam milhares de pessoas precisando de moradia, isso aqui servia como um local de desova, muitos ossos e objetos humanos foram encontrados aqui. A terra não tinha documentos, apenas apareceu um rascunho de documento e havia uma dívida de 8 milhões da empresa com o município (de acordo com o próprio Prefeito no 15/07/2005, dia da desapropriação)”. **Sr. Antônio Iraílton Hipólito da Fonseca, morador do Bairro Parque São Pedro. 07 de fevereiro de 2007.**

“As pessoas acham que depois que ganham o terreno não precisam mais fazer nada. Houve problemas com interesses e aproveitamento das lideranças. As pessoas que lutaram para garantir a área não estão mais lá. Às vezes parece que a luta não valeu a pena. As pessoas acham que a associação é a Prefeitura, não reconhecem o trabalho da associação e não participam. Em 15 de julho de 2005 a prefeitura assinou decreto considerando o Parque São Pedro (ex. invasão da CARBRÁS) um Bairro. Hoje não há luta, quem lutou foi embora, alguns aproveitaram que virou bairro para vender o terreno. Hoje quem está lá não conhece a história”. **Sra. Dília Ferreira Queiroz. 1ª Oficina do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia. 05 de Agosto de 2006 Auditório do SARES**

“No início da ocupação os líderes saem à procura de pessoas para ocupar os terrenos e colocam as pessoas para trabalhar para eles desmatando e medindo os terrenos. Os “convocados” são os que iniciam a ocupação, mas são os que menos ganham, pois os líderes pegam todos os terrenos para comercializar e os ocupantes saem para vender. Os líderes acomodam os ocupantes nos piores espaços para morarem, se não forem atrás de um terreno melhor, ficam nas piores áreas da ocupação. O trabalho é coordenado sempre por esse líder, ou líderes, com todo poder concentrado nele(s) e se considerando a lei os “todo poderosos”, eles humilham os pobres, os que chegam pedindo um pedaço de terra para morar eles ficam observando, pois se aquele que está fazendo a sua casa passa alguns dias sem aparecer no local, eles vendem novamente o mesmo terreno, é o chamado “repasso”. Mas esse repasse nunca é para uma pessoa que realmente precisa, sempre são vendidos para pessoas com poder de compra. Os líderes se acham a lei e a justiça, a força e o poder. Eles prendem, batem, condenam e mandam soltar, é assim em todas as ocupações: os que precisam de morar de verdade, se humilham para poder ganhar um terreno para morar. Quando aparece uma pessoa com força e competência para tomar o poder, orientar os outros moradores a se organizar, aí os poderes vão sendo “quebrados” e os líderes se perdendo, até a tomada do poder deles por completo e aí começa o desenvolvimento da ocupação, as pessoas começam a respirar, viver dignamente e com a certeza que os antigos “líderes” não tem mais vez na ocupação. Aí é que as pessoas começam ir atrás de segurança, saúde, educação e bem estar social, com dignidade”. **Sr. João Sabino da Silva, morador do Bairro Parque São Pedro. 30 de novembro de 2006.**

“Vou falar um pouco sobre a minha história. Tenho três filhos a Taiane o Carlos e a Talice. No dia em que eu cheguei aqui no Parque São Pedro, quer dizer, na época era invasão da Carbrás, cheguei aqui no dia 10 de janeiro de 2004, vim por intermédio de um amigo que já estava aqui, daí vim pra conseguir um terreno, um lote pra mim morar. No primeiro dia não consegui, andei o dia todinho atrás deles, mas não tinha dinheiro para comprar, porque só conseguiria se tivesse dinheiro, aí eu voltei pra casa, no Jorge Teixeira, falei com o amigo novamente e ele disse para eu voltar no outro dia que ele ia falar com o pessoal da liderança aí, que eram amigos dele e eles iam me conseguir um lote. Mas isso foi através desse meu amigo. Andei novamente o dia inteiro com fome, pois não tinha dinheiro pra comprar comida, não tinha

água, não tinha nada era tudo mato, estava no começo ainda. Quando foi a tarde fomos esperar o “repasso”, só que meu nome não estava na lista, porque tinha que colocar o nome na lista uma semana antes pra conseguir lote do repasse e eu não tinha. Mas aí ele falou com um amigo e ele me colocou num lote. Esse lote já era de uma outra pessoa, só que o cara era um policial, era dono de uns dez lotes, por isso eu enfrentei a maior dificuldade, o rapaz queria me colocar de lá pra fora, me ameaçou, nós tivemos um conflito por causa desse lote. Ele pediu dinheiro, eu não tinha dinheiro pra dar, eu fui ganhando dele no cansaço, daí ele desistiu, foi embora, mas também não saí do lote e hoje em dia é meu, fiquei lá. Depois disso me deram um prazo de oito dias pra construir um barraco, uma casa, ou seja lá o que fosse, mas que eu tivesse morando. Voltei em casa, peguei uma panela, um pouco de cada coisa, de alimento, rede, terçado, machado e vim embora, o terreno não estava limpo ainda, só estava marcado. Fiquei oito dias sem casa, passei três dias sem comer nada, não conhecia ninguém que morasse lá próximo, os amigos que eu conhecia estavam pro outro lado, um mais aqui pra frente. Depois de três dias pegando sol e chuva, muita fumaça, muito barulho, muito difícil, muita cobra e bicho ainda. Mas aí uns amigos apareceram, eles me ajudaram e nós construímos um barraco. No primeiro dia só deu pra cobrir e fechar um lado, ficaram três lados abertos e eu tive que dormir nele assim mesmo, porque você não poderia sair de lá de maneira alguma, se você saísse de lá um minuto e eles passassem, eles vendiam e quando você voltava já tinha outra pessoa lá dentro, tinham vendido o lote. E eu fiquei lá e eu ia em casa de noite, saía daqui de noite e quando era 4 horas da manhã saía de volta de lá para chegar aqui as 6 horas da manhã, antes que eles passassem lá pra vender o lote. Consegui umas palhas e construí o barraco, e fiquei morando lá. Sempre agente acordava de madrugada com barulho de foguetes. Quando a gente ouvisse os foguetes, todo mundo tinha que subir. O primeiro foguete era pra ficar atentos, o segundo todo mundo se levantava e se preparava e o terceiro todo mundo tinha que vir aqui pra frente que o negócio ia pegar, aí agente já ficava naquela aflição. Os líderes, humilhavam muito as pessoas, a gente se sentia muito coagido, com medo, porque eles aqui dentro mandavam e desmandavam, tudo era conforme o que eles queriam. Os dias foram passando e melhor ia ficando, porque todo mundo ia se conhecendo, fomos fazendo amizade com os vizinhos e um ajudava o outro. Nós passamos a fazer nossa parte de alimentação com os vizinhos, quando um não tinha uma coisa o outro tinha e fazíamos as refeições todo mundo junto. Quem tinha, quem não tinha, todo mundo almoçava, jantava junto. Aí nisso agente começou a conversar: “Gente, é o seguinte, a gente tem que se unir!”, porque quando eles vinham vender o terreno das pessoas os outros ficavam olhando. Batiam nas famílias, botavam pra fora e os outros ficavam só olhando, sem fazer nada. Se um for fazer eles vão fazer o pior com essa pessoa, mas se todo mundo se unir, se juntar, com certeza eles não vão fazer nada. E daí que agente começou a tomar força né. Começamos a juntar todos os vizinhos e quando um chegava pra vender o terreno do outro aí não, não vai vender não! Juntava todo mundo, todos que estavam lá, a rua todinha: não, não vai vender não! Aí foi ficando muito bom, fomos conhecendo outras pessoas e nos perguntavam por que lá não havia revenda, porque a gente não deixava. Por mais que um vizinho não esteja em casa, foi visitar a família dele, mas nós estamos lá e nós não vamos deixar. Através disso conheci a Conceição que conhecia o Padre Geraldo aqui dentro e fomos tendo uma amizade com ele e ele foi nos dando mais força, através dele a Diocese veio nos ajudar, tivemos a primeira visita do Dom Luiz aqui no bairro, na semana santa de 2004, fizemos uma caminhada, uma procissão aqui dentro e ficou ainda melhor, depois que a Diocese veio e começou a nos ajudar, nós ficamos cada vez com mais fé de que nós íamos conseguir, que nós íamos ficar. A primeira vez que a polícia veio tirar o pessoal, escutam os foguetes, viemos todos aqui pra frente e estava cercado de polícia, era cavalaria, ROCAM, polícia militar e eles queriam nos tirar daqui. Esse foi o primeiro conflito que nós tivemos aqui dentro do Parque São Pedro que mexeu com a cidade inteira, com o Amazonas e com o Brasil inteiro, pois foi quando eles vieram pra nos tirar, porque tinha sido assinada a reintegração de posse. Agente se reuniu, os líderes chamaram e viemos aqui pra frente, porque queríamos o nosso pedaço de terra pra morar. Nos colocamos na frente e fomos brigar, da forma que eles incentivavam, acho que devido a falta de experiência e pela necessidade de você ter onde morar, nós viemos e fechamos a Avenida Torquato Tapajós, colocamos pneu, colocamos madeira, tocamos fogo, fechamos a avenida totalmente. Daí veio polícia de choque e aí foi um conflito muito feio, saíram pessoas machucadas, mulheres, homens e crianças. Graças a Deus o Padre Luiz, representante da Diocese, veio até aqui e conseguiu fazer que houvesse um pouco de paz, as pessoas pararam, a polícia se afastou. Aí foi bom, veio a imprensa também e aí todo mundo voltou para os seus terrenos, ficamos lá, a polícia se retirou, disseram que não iam mais tirar agente assim desta forma, que eles iam negociar e tal. Voltamos pra lá, e quanto mais tempo agente ficasse melhor seria. Depois disso a Diocese tomou realmente a frente, com todo mundo junto, foi na época que nós vimos que era necessário formar uma Associação de moradores e aí nós formamos uma chapa e concorremos na eleição e a nossa chapa ganhou, com Antônio como presidente em 18 de outubro de 2004. Alguns dos líderes antigos estavam também em outras chapas concorrendo, mas o povo viu que não dava, não tinham condições de eles continuarem aqui dentro, eles caíram. Aí nossa caminhada ficou melhor, pudemos respirar melhor. Nessa mesma época eles foram presos, ficaram 4 meses presos, foi um alívio para a comunidade, para os moradores, pois eles estavam longe daqui. Depois que eles saíram daqui, muita coisa mudou, muita coisa melhorou. Quando eles voltaram, quando foram soltos, as pessoas que acreditavam neles, que confiavam neles, muitos já tinham ido embora e outros já tinham percebido que pessoas eles eram. **Sra. Ângela Santana de Moraes, moradora do Bairro Parque São Pedro. 27 de janeiro de 2007.**



Evento, com a presença do atual prefeito, no qual a ocupação Parque São Pedro se tornou oficialmente um bairro.
Foto: Antônio Fonseca - Setembro de 2005.

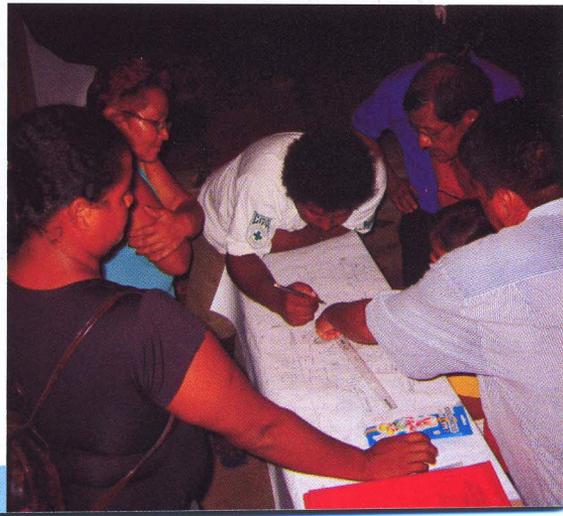
Por que a Cartografia?

Está sendo legal o trabalho desenvolvido com a cartografia, mostrando nossa história, contando o que nós passamos aqui dentro, para que as pessoas lá fora vejam e compreendam. Que isso sirva para as pessoas, como uma lição de união de um povo, lutando junto pelo objetivo de todos. Muito legal o mapa que mostra nossa comunidade, nosso bairro, nossa área toda. Acho que está sendo importante também pra vocês conhecerem agente melhor, nossa história, nos acompanhando nesses seis meses. Da minha parte este trabalho foi ótimo, assim eu vou saber que pelo menos alguém vai conhecer nossa história lá fora”. **Sra. Ângela Santana de Moraes, moradora do Bairro Parque São Pedro. 27 de janeiro de 2007.**

Pra mim a cartografia vai ser útil para expor nossos conhecimentos e nossas opiniões sobre o que acontece, pode até não ser válido para alguém que vai ouvir, mas pra mim, o importante mesmo neste trabalho é nós expormos nossa mentalidade e nossa opinião, se ela vai ter proveito para alguma coisa ninguém sabe... Nós vivemos os problemas, e muita gente decide e define regras e leis, sem escutar a pessoa que vai ser beneficiada ou é necessitada daquele benefício. Chegam decidem e acabou, mandam pra lá e vai ser desse jeito aí, não procuram saber se aquilo vai agradar, se está certo pra ti. Então pra mim o importante é que alguém ouça nossa opinião, e o trabalho também vai mostrar as necessidades e a realidade das comunidades que tem tantos problemas e ninguém vê ou quer saber da vida daquele pessoal. **Sr. João Sabino da Silva, morador do Bairro Parque São Pedro. 27 de janeiro de 2007.**

A cartografia, contribuirá para consolidar, cada vez mais, a história deste povo que por uns é chamado de “tranca-rua” e por outros chamado de “guerreiros”, mas que na sua essência e no seu coração, está sempre na certeza da vitória. O trabalho de produção dessa cartografia, aqui no Parque São Pedro, é de suma importância pra mostrar um pouco da nossa realidade, das coisas que aconteceram, que vão acontecer, e vai contribuir demais também pra mostrar nosso trabalho de organização social, organização da comunidade, seus objetivos, sua caminhada e focar a problemática social de uma forma mais abrangente”. **Sr. Antônio Iralton Hipólito da Fonseca, morador do Bairro Parque São Pedro. 27 de janeiro de 2007.**

Mapa sendo atualizado pelo grupo. Oficina de Cartografia Social na Igreja de Santa Cruz, Parque São Pedro.
Foto: Delmo Roncarati Vilela - 18/09/2006.





"ONTEM UM DONO, HOJE MILHARES: A História do Bairro Parque São Pedro"

Transporte e Infra-estrutura

- Ponto de Moto Táxi
- Terminal de Ônibus
- Poço Comunitário
- SOS Cidadão (Sópão)

Saúde, Educação e Religião

- Casa de Saúde Preventiva e Alternativa
- Escola Municipal
- Escola Estadual
- Centro Espírita
- Igreja Católica

Organização

- Sede da Associação de Moradores do Parque São Pedro (AMAPREP)
- Limite do Bairro
- Local de Manifestações e Reivindicações
- Voz Comunitária
- Igreja Católica
- Local do Antigo Portão Principal (manifestações)
- Centro Social Comunitário

Reivindicações

- Área de Preservação
- Centro de Informática
- Campo de Futebol
- Horta Comunitária
- Serviço de Pronto Atendimento (SPA)
- Ginásio Coberto
- Anfiteatro
- Delegacia
- Creche
- Feira Coberta

"ONTEM UM DONO, HOJE MILHARES: A História do Bairro Parque São Pedro"

Projeto Nova Cartografia Social da Amasmas

ESCALA: 1:10000

Gráfica

EQPIRY ONLINE
Edição: Sarmar Natchian, Délio Amadori Vilela, Francisco Rodrigues de Nascimento, Priscila Trevis Rodrigues

NOTA: Mapa elaborado a partir de base Cartográfica 2000 da Secretaria de Estado de Infraestrutura (SIEI) - Agradecemos a Alexandre Pêter Romão

Mauá, 05 de fevereiro de 2007

A organização, o entendimento da necessidade de união e pensamento nas necessidades do coletivo, foram fatores de extrema importância na caminhada do bairro Parque São Pedro.

Foto: Antônio Fonseca. Setembro de 2005.

Formas Organizativas e Conflitos



No primeiro Natal aqui dentro do Parque São Pedro muitas coisas boas aconteceram. Começamos por conta própria a escolinha comunitária do São Pedro, a nossa Igreja de São Pedro foi construída devido à reintegração de posse da terra, o Padre Geraldo viu que essa parte da frente era a área mais visada para a retirada das pessoas e era necessário, depois desse conflito todo, dessa preocupação, foi necessário construir a igreja que nos deu uma maior segurança. Fizemos várias reuniões com a comunidade na Igreja, as pessoas compareciam, a Igreja sempre lotada, a hora que fosse as pessoas compareciam, todos estavam juntos e unidos porque todos precisavam do seu pedaço de terra. Depois tivemos um outro conflito na retirada das ferragens do galpão, a polícia veio para retirar e amanhecemos os moradores aflitos, todo mundo preocupado, muita gente chorando, porque pensavam que iam retirar agente daqui. Ninguém estava esperando, acordamos de madrugada e eles já tinham entrado sem ninguém perceber, então o bairro já estava fechado totalmente, ninguém entrava e ninguém saía daqui de dentro, nem carros nem ônibus durante a manhã deste dia, as crianças não tiveram aula, porque na época a Igreja era usada como escola, neste dia eles a fecharam, não deixaram ninguém abrir a Igreja, tentamos abrir e eles não deixaram, mercados e tabernas também não poderiam funcionar, tudo paralisado. E foi mais um conflito, neste dia eles bateram até no Padre Geraldo. Ele veio para conversar com a polícia de choque, quando ele se aproximou pra conversar eles não quiseram nem conversar e bateram nele e depois vieram pra cima do pessoal, foi briga mesmo e teve gente machucada. Chamaram a imprensa e quando ela chegou eles acalmaram, chegou televisão e repórter, se acalmaram e se afastaram dizendo que só iam retirar as ferragens, que não iam mexer com ninguém. Então o povo se acalmou e deixaram retirar a ferragem. O mais importante pra gente é a terra né, a ferragem agente não fazia questão. O medo, a preocupação, a aflição das pessoas aconteceu porque eles não falaram por que vieram, por que amanhecera ali trezentos e poucos policiais, e para retirarem aquelas ferragens não tinha necessidade deles fazerem tudo isso, paralisarem o bairro todo, um bairro tão pequeno, ninguém entrava e saía, muita gente não trabalhou naquele dia, porque não podia sair daqui de dentro. Quem voltava lá pra dentro saía dizendo: - "Estão entrando e vão derrubar tudo aí, e vão tirar todo mundo daqui de dentro!" E as pessoas ficavam aflitas. Depois que falaram que era só pela ferragem, tudo se acalmou e acabou o conflito, mas ia acontecer o pior, porque quando eles se preparavam pra vir pra cima da população, que estava toda aqui na frente eles se preparavam também pra bater, pra agredir. Mas depois tiram as ferragens e foram embora. Estes foram os dois maiores conflitos do Parque São Pedro e tiveram muitos alarmes falsos que agente ficava acordando de madrugada, meia noite, uma hora da madrugada e subia pra cá, passamos madrugadas e madrugadas aqui acordados, todo mundo aqui, deixávamos a família em casa e vínhamos pra cá. As crianças em casa ficavam todas aflitas, essa foi uma das partes mais tristes. Muitas das crianças que estão aqui hoje que acompanharam desde o começo, se você parar pra conversar com uma delas ela vai te contar coisas... Isso mexeu com o emocional das crianças. Nossa escolinha comunitária começou com seiscentas e poucas crianças estudando, os professores eram todos voluntários, as merendeiras, as pessoas que trabalhavam com a limpeza e que cuidavam da escolinha comunitária. Não tinha condições, era uma escola muito precária, muitas crianças sentadas pelo chão, algumas mesas e cadeiras de palete, pedaços de madeira velha que sobrava. Os pais faziam mutirão e faziam as mesas e cadeiras para as crianças se sentarem. O povo foi vendo e se conscientizando que as crianças precisavam de educação e que agente poderia melhorar, juntando, se unindo nós conseguiríamos, daí teve o trabalho e o empenho de muitas pessoas. Isso veio repercutir muito, porque chegou a imprensa por várias vezes pra filmar e ver as condições em que as crianças estudavam, era muita umidade quando chovia, tinha mofo, não tinha condições. Mas a necessidade das crianças daqui dentro de estudar, porque estavam perdendo ano letivo lá foram, mesmo que não valesse pra SEDUC e pra SEMED o ano que elas estavam estudando aqui, mas elas não estavam perdendo muita coisa, porque não ficavam paradas. Depois da repercussão da imprensa, o secretário de educação começou a se manifestar, tivemos reuniões, começaram a vir aqui pra ver as condições, a Arquidiocese e o Padre Geraldo sempre em cima, trazendo também conhecidos da imprensa pra ajudar, conseguindo doações de merenda, material escolar, até que conseguimos que a escola fosse registrada pela SEMED. Depois do registro teríamos que cobrar a construção da escola e ficamos com mais uma



Uma das manifestações organizadas e realizadas pelos moradores na Avenida Torquato Tapajós. A avenida foi fechada para chamar a atenção das autoridades para problemas relacionados à saúde, educação e asfaltamento mal feito das ruas do bairro, feito em época de eleição. Este tipo de ação acontece após tentativas frustradas de resolver os problemas nas secretarias da prefeitura. Foto: Antônio Fonseca - 04/01/2007.

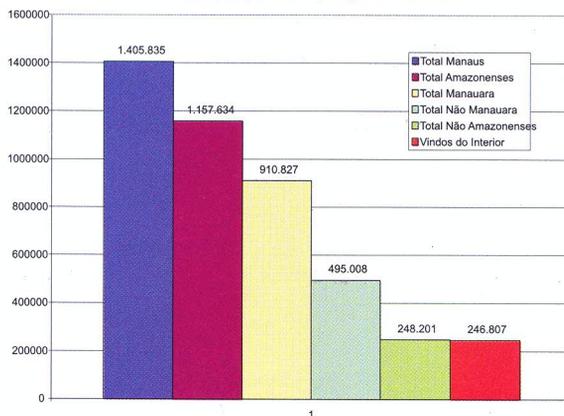
Conquistas e Reivindicações

tranquilidade que com este registro nós não iríamos sair daqui. Foi uma das vitórias mais importantes dentro da comunidade a construção da nossa escola. As pessoas estavam unidas em todas as lutas, todos estavam juntos, unidos. **Sra. Ângela Santana de Moraes, moradora do Bairro Parque São Pedro. 27 de janeiro de 2007.**

Depois da construção da escola foi assinada a liberação das terras. Tivemos outras conquistas, como a escola da SEDUC que está sendo construída e este ano deverá funcionar, mas só vamos acreditar depois que continuarem as obras. Existem também projetos de uma feira coberta aqui dentro, um SPA (Serviço de Pronto Atendimento), uma delegacia... Esperamos que isto seja concluído realmente. Já fizemos estas reivindicações, o projeto da feira já está nas mãos da prefeitura, ficaram de dar a resposta agora em fevereiro. O SPA foi negado (segundo Sr. Sabino) pois alegam que é preciso ter no mínimo 50.000 famílias para instalar um SPA numa zona, isso veio num documento do secretário de saúde. Foi feito aqui também o “Sopão” (SOS Cidadão), apesar de o Governador ter feito em época de eleição pra ganhar votos, mas foi um benefício que atende a muitas famílias carentes daqui, que almoçam e levam pra casa para jantar e o pão que dão pra acompanhar, eles guardam para o café da manhã. Ajuda, são mais de quatro mil famílias cadastradas que pegam a sopa todos os dias e é bom também pros funcionários, que são todos aqui do bairro, pessoas que estavam desempregadas, hoje em dia estão trabalhando, pais e mães de família. O governo está querendo mandar aterrar o “piscinão”, retirar os peixes, era bom se fosse preservado, se fosse recuperado novamente. A nascente está poluída devido às fossas que foram feitas pelas famílias que moram ali. Se tivesse um projeto, e se ele quisesse ele faria, pra retirar aquelas pessoas dali, dando um outro lugar pra elas morarem, recuperar, procurar despoluir e preservar depois, ali ficaria muito bonito. Quando cheguei aqui em janeiro de 2004, a primeira coisa que me apaixonei foi pelo piscinão, muitas pessoas vinham aqui, você tinha prazer de entrar ali dentro, era uma água totalmente cristalina, linda, você olhava e enxergava a areia do fundo. Agora não, está tudo poluído, mas antes era muito bonito. Pessoas já morreram lá dentro afogadas, umas dezessete pessoas, achavam até que tinha aquele peixe-elétrico lá dentro. Vejo muita necessidade de um centro de esportes para as crianças, de lazer e cultura, onde pudessem ocupar o tempo quando não estão na escola. As famílias não tem condições de pagar uma escola de natação, uma escola de informática. Se houvesse um centro de cultura, um centro social, para estas crianças seria muito bom, é essencial esse investimento na cultura, lazer e esporte. **Sra. Ângela Santana de Moraes, moradora do Bairro Parque São Pedro. 27 de janeiro de 2007.**

Este gráfico apresenta o total da população residente recenseada na cidade de Manaus em 2000, correspondendo a 1.405.835 habitantes e tendo como referência o critério de “naturalidade”, ou seja, se esta população é nascida em Manaus ou não. Destaque-se que 35,2% da população residente não são nascidos em Manaus. A cidade de Manaus é a que registra o maior fluxo migratório da Amazônia Legal: os “vindos do interior” do Amazonas, constituem 17,5% do total migrantes, secundados, sobretudo, respectivamente por paraenses, cearenses e maranhenses que perfazem 17,7%. Os dados disponíveis sobre as ocupações em Manaus para o ano de 2006 disponibilizados pela Assessoria da Linha de Habitação da Cáritas Arquidiocesana de Manaus, assinalam 30 ocorrência de ocupações, abrangendo cerca de 400.000 pessoas. Segundo a mesma fonte, tem-se que 100.000 encontram-se vivendo em área de risco de desabamento ou inundação.

Composição da População de Manaus



Fonte: IBGE, 2007. Cf. Adjalma Jaques.

Em relação à urbanização foram enviados muitos ofícios para a secretaria, e veio um pacote de obras que estava assinalado que iria ser realizado em todas as áreas do bairro, só que como era um projeto eleitoreiro, foi feito apenas uma terraplanagem, na metade das ruas colocaram um asfalto que já foi embora com a chuva e com a terra que escorreu, porque não tem drenagem, não tem saneamento básico, então não adiantou muita coisa, o trabalho foi feito com péssima qualidade, que é uma característica de programa eleitoreiro. Agora estão retomando novamente pra que se faça a drenagem, sem ela não tem como construir um bairro, asfalto não dura, o dinheiro do contribuinte pago ao estado e usado como o estado quer, sem consulta ao contribuinte para saber onde vai ser investido, acaba sendo investido de qualquer forma e é jogado fora, pois a terraplanagem e o asfaltamento vão ter que ser feitos novamente pois não resistiram a chuva. A quantidade de ruas que foram só cortadas e passado o piche foi em torno de 70%, hoje vai ter que refazer o bairro inteiro do início até o final, porque em menos de três meses foi tudo perdido, não presta mais, fizeram porcaria. A empresa dizem que faliu, que pediu concordata e não vem mais terminar o serviço, agora estão contratando uma outra empresa para retomar as obras de urbanização. A eletricidade já está em torno de 90% instalada, mas falta a iluminação pública e as contas já estão chegando. De projeto do governo temos seis poços do plano emergencial, localizados em áreas de necessidade, só que este trabalho do governo é meio falso, fantasma, porque a pessoa tem que ficar andando carregando água pra fazer comida, pra lavar roupa, tomar banho, dar banho nas crianças. A pessoa passa o dia carregando água e enchendo tambor. Aqui na Associação a gente fez um sistema barato de água, que nós gastamos R\$13.000,00 e instalamos encanamento em 130 casas. O governo tem condições, tem o dinheiro, mas faz contratações de empresas que levam muito dinheiro em cima das obras. Se deixassem na mão de comunitários responsáveis, que soubessem trabalhar com o sistema e soubessem como fazer, o dinheiro da população, da comunidade seria muito bem gasto, renderia mais porque não gasta dinheiro atoa. Temos três mil metros de canos instalados, atendendo 130 casas, gastamos R\$13.000,00. Esse dinheiro pra nós é muito, pro governo não é nada, então tem como fazer. Furam poços pra mostrar o que todo mundo quer ver, o governo faz o que aparece e nós comunitários temos um grande defeito, nós pedimos sempre o que eles querem fazer, concordamos sempre com o que eles querem fazer. Você vê a urbanização, todo comunitário pede a urbanização, ele nunca pede saneamento básico, nunca pede a drenagem, nunca pede as coisas que não aparecem, sempre pede o que o governo quer fazer. Todo mundo vê o poço (e lá está escrito "isso aqui foi obra do governo..."), mas a tubulação ninguém vê, ela está debaixo do chão, então o governo faz o que aparece. Os comunitários ainda não entenderam que a gente tem que exigir aquilo que eles não querem fazer, que na verdade são as coisas mais difíceis e de necessidade extrema, como um sistema de distribuição de água, que não aparece. Ainda tem outra coisa, se você quer um poço na rua principal, onde todo mundo passa, constroem fácil, mas se é lá embaixo, onde tem gente sem água, mas ninguém passa, botam um tanto de dificuldade, ninguém vai ver a obra deles... Aqui não temos nada relacionado a saúde, temos apenas a casinha de saúde preventiva e alternativa, que é das Irmãs Dorotéias, mas relacionado ao governo não tem nada, pedimos o SPA e foi negado, porque a portaria do ministério da saúde não permite a construção de um SPA numa área com menos de 50.000 famílias. Mas a área do Tarumã é muito grande, acho que eles não sabem contar, mas fazer o que? Eles deviam fazer, pelo menos umas casinhas de saúde, pelo menos umas quatro, até o término do mandato do prefeito Serafim Corrêa, que é outro que ninguém vê. A prefeitura em si conta com várias frentes de obras, mas na área do Tarumã não tem uma só, e você não vê funcionários da prefeitura, você só vê a coleta de lixo. Não aparecem nem pra cobrar. O morador acha que deve fazer a casa dele na beira da rua, porque não tem uma fiscalização do poder público pra fazer um bairro bonito. A Associação cobra, exige que a pessoa deixe um metro da medida do terreno pra fazer a calçada, mas tem morador que não obedece, e a instituição não tem essa força, porque não tem um fiscal, não tem uma polícia pra poder chegar e ordenar isso, a lei é essa vamos trabalhar em cima da lei, pro terreno ficar bonito, pro bairro ficar bonito, pro pessoal passar. O próprio morador não tem essa consciência, porque acha que a calçada é propriedade dele, comerciantes tomam as calçadas, colocam produtos expostos na calçada, o pedestre é obrigado a ir pro meio da rua. Tem que ser fiscalizado e imposto: a rua é pros carros e a calçada para pedestres. Isso não acontece só no São Pedro, agente fala do São Pedro porque queremos que seja um bairro perfeito, um bairro modelo. Como o próprio filho do prefeito falou, que o prefeito tinha um projeto pra fazer desse bairro um bairro "modelo", só que modelo como? Modelo de quê? Modelo pra ele? Nós temos orgulho de morar no São Pedro porque agente briga pelos nossos ideais, mas é conseguido no braço, na luta do dia a dia, isso é o modelo pra nós. A prefeitura até agora fez muito pouco, falou que ia fazer um bairro "modelo", mas o que fez foi liberar a terra dos lotes e terminar a escola que nós começamos sozinhos e estava praticamente construída (fizeram uma reforma de R\$600.000,00). Investimento público aqui no São Pedro não tem nenhum, que a verdade seja dita (A não ser o "Sopão"). (...) Outra coisa que agente reflete muito aqui dentro do São Pedro é sobre o transporte coletivo. Este sistema é morto. Ontem passei horas no centro esperando o ônibus para dar uma de fiscal, porque o pessoal reclama muito dos ônibus aqui do São Pedro. Tinha só um ônibus rodando, passou 16:00h no centro e depois só 18:10h, aí liguei para o administrador da linha e falei com ele, ele disse que haviam três ônibus quebrados. Tive que esperar o ônibus vir no São Pedro, dar a volta na cidade e eu o peguei 19:40h. Quer dizer, o carro não agüenta o sistema, o motorista não agüenta, porque tem que ficar o tempo todo sentado ali sem ter um

descanso, o cara não tem tempo de parar, porque tem três ônibus parados no terminal de linha. Pelo percurso e quantidade de pessoas precisaria ter, pelo menos, uns sete ônibus. Tem quatro, eles rodam e não dá tempo do motorista tomar uma água, o cara chega, faz a curva, fecha uma viagem e abre a outra e vai embora novamente, não tem tempo de descanso. Um cara desse trabalha estressado, pode bater o carro, vai matar alguém e vai sobrar pra ele. Então é um sistema de transporte de péssima qualidade, atendido pela empresa “Cidade de Manaus”, que não está nem aí pelos interesses da comunidade, só visa o dinheiro que a comunidade paga pra ela. Ninguém anda fiado, pra pagar amanhã, ninguém anda de graça, não tem como eles falarem assim: “a empresa está falhando porque não tem dinheiro, porque não tem passageiro, porque o ônibus sempre sai daqui lotado, ida e volta. O poder público e os empresários do ramo de transportes acham que todo mundo é lesado, que o povo não sabe fazer conta, que não enxerga o que está acontecendo, como as coisas funcionam, quem está levando vantagem. A gente entra no PROCOM quando é lesado por uma empresa, quando compra alguma coisa que não presta, mas na verdade, se você for ver, todo dia nós somos lesados, todo santo dia. Agente é lesado nos impostos que agente paga, pois você não vê nada investido, não vê investimento do governo aqui dentro. Acham que o pessoal da periferia não sabe de nada e vão empurrando com a barriga “que eles se lasquem pra lá”. A verdade é que muita gente sabe seus direitos, o problema é que se for brigar não adianta, pois a justiça tem tanto processo que não anda... Investimento na cultura é sempre bem vindo. O problema é que o governante pensa que quanto mais o cara é burrinho, quanto mais o cara é analfabetinho, quando não sabe ler, não sabe escrever mas fácil de ser dominado. Não tem pressa, deixam pra fazer as escolas no final do mandato, pra se reeleger. Claro que todo projeto bom, que venha manter a criança afastada de problemas, drogas essas coisas, sempre é de bom tamanho, é sempre bem aceito na comunidade. Mas isso não é tanto do interesse do governo, o interesse do político é quanto menos tu sabe melhor e quanto menos condições de questionar algumas coisas dele melhor. Então não fazem. Você vê creche, as mães não tem condições de trabalhar pro que não tem creche e o governo não tem projeto nenhum de creche, nem o governo estadual, nem o prefeito tem projeto pra creche. E todo mundo sabe que em Manaus as mulheres trabalham no distrito, em casa de família e os filhos tem que ficar sozinhos em casa, quando não dá pra eles ficarem sozinhos ela tem que tirar do dinheiro que ela ganha, que já é pouco, pra pagar uma pessoa pra ficar com os filhos dela. Isso era pra ter um apoio do governo, do poder público. Deveria a pessoa poder deixar o filho na escola oito horas por dia. A pessoa sai pra trabalhar sabendo que o filho está na escola estudando, também fazendo atividades profissionalizantes, computação, para a criança ir desenvolvendo uma noção básica daquilo ali. Mas não tem investimento nisso, que é inclusive uma forma de conter violência, bandidagem, problemas com drogas, trabalharia a criança em período integral, de sete da manhã às cinco da tarde. Quando o pai ou a mãe voltarem do trabalho vão pegar ele, despreocupados dele estar aprontando alguma coisa na rua ou de até estar morto. **Sr. João Sabino da Silva, morador do Bairro Parque São Pedro. 27 de janeiro de 2007.**

“A luta pela terra está pautada na necessidade da moradia, direito este garantido por lei. A prática é a contra-mão. Daí a necessidade de ocupar aquilo que está desocupado. A história do Parque São Pedro não poderia ser diferente. A luta pelos direitos sociais, e destacamos, a luta pela terra, fizeram do nosso bairro referência e símbolo de organização social na cidade de Manaus. Um povo muito consciente de seus direitos e atuante na reivindicação. Organização pautada na objetividade é a nossa marca e a AMAPREP Associação de Moradores do Parque São Pedro, hoje é uma instituição que conseguiu, com sua forma de luta e organização, o respeito e a credibilidade. Sua independência política, também é fator positivo nesse processo. O povo do Parque São Pedro é vibrante e vitorioso! Vencer é o nosso destino. **Sr. Antônio Iraiton Hipólito da Fonseca, morador do Bairro Parque São Pedro. 27 de janeiro de 2007.**

Endereços para contato:

Associação de Moradores da Comunidade Parque Residencial São Pedro (AMAPREP)

Rua Santa Helena, n° 7012 - Parque Residencial São Pedro, CEP: 69040-000
Manaus/AM. Ref.: Estrada Torquato Tapajós - Margem esquerda, sentido
Manaus/Itacoatiara Tel.: (92) 9162-4048 / e-mail: saopedrofonseca@yahoo.com.br

Presidente: Antônio Iraiton Hipólito da Fonseca

Vice Presidente: João Sabino da Silva

Secretário: Maria Neuismar Maia (Branca)

Tesoureiro: Hudson Duarte Maranhão

Serviço de Ação, Reflexão e Educação Social (SARES)

Av. Constantino Nery, n° 1029, Bairro Presidente Vargas, CEP: 69.010-160,
Manaus/AM / Tel./Fax: 55 (92) 3622-9657

Oficinas de Mapas Realizadas:

- 1ª) 05 de agosto (SARES);
- 2ª) 26 de agosto (Igreja de São Pedro);
- 3ª) 18 de setembro (Igreja de Santa Cruz);
- 4ª) 04 de outubro (idem anterior);
- 5ª) 28 de outubro (GPS);
- 6ª) 02 de novembro (GPS);
- 7ª) 09 de novembro (GPS).
- 8ª) 27 de janeiro de 2007 (Igreja de São Pedro).

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (Fundação Ford - PPGSCA - UFAM)

Série: Movimentos Sociais e Conflitos nas Cidades da Amazônia

11. "Fé e Esperança: Mulheres Guerreiras de Campo Sales", Manaus
12. "Histórias de Lutas e Conquistas dos Moradores do Bairro Jesus Me Deus", Manaus
13. "Famílias da Comunidade Parque Riachuelo I", Manaus
14. "Bairro Parque Riachuelo II: História, Conquistas e Reivindicações", Manaus
15. "Ontem um dono, hoje milhares: A História do Bairro Parque São Pedro", Manaus

Realização

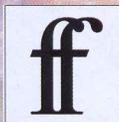


AMAPREP

Associação de Moradores
da Comunidade Parque
Residencial São Pedro



Apoio



FORD FOUNDATION



UFAM
PPGSCA



UNAMAZ

PPGDA
UEA

UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS

